

# Do prazer e da dor em estudar a Antiguidade Oriental: uma reflexão sobre o uso de fontes

*Du plaisir et de la douleur en étudier l'Antiquité Orientale:  
une réflexion sur l'utilisation des sources*

**Katia Maria Paim Pozzer\***

**Resumo:** Longe de pretender aportar uma resposta acabada sobre o tema do uso de fontes e métodos em pesquisa em História Antiga, empreenderemos um exame de nossas práticas de pesquisa mais recentes, em uma sorte de retrospectiva crítica, tendo como principal objetivo estimular novos estudantes e pesquisadores, demonstrando as inúmeras possibilidades de investigação que atualmente nos estão dadas, seja pelo avanço tecnológico, seja pela difusão do conhecimento.

**Résumé:** Loin de prétendre apporter une réponse définitive sur le sujet de l'utilisation des sources et des méthodes dans la recherche sur l'Histoire Ancienne, nous allons procéder à un examen de nos pratiques les plus récentes de la recherche, dans une sorte de critique rétrospective, avec l'objectif principal d'encourager les nouveaux étudiants et les chercheurs, démontrant les nombreuses possibilités de recherche qui sont actuellement possibles, soit par l'avance technologique, soit par la diffusion des connaissances.

**Palavras-chave:**

Antiguidade Oriental;  
Fontes escritas;  
Imagens;  
Metodologia.

**Mots-clés:**

Antiquité Orientale;  
Sources écrites;  
Images;  
Méthodologie.

---

Recebido em: 08/08/2016  
Aprovado em: 14/10/2016

---

\* Professora do curso de História da Arte (Departamento de Artes Visuais) e do Programa de Pós-Graduação em História (UFRGS), Coordenadora do Laboratório do Mundo Antigo e Medieval (Lamam/CNPq).

## Introdução

**E**sse artigo se propõe a responder, ainda que parcialmente, ao desafio proposto pelos editores da Revista e pelos organizadores do dossiê de discutir o uso, pelos pesquisadores brasileiros, de ampla variedade de documentos, sejam eles fontes escritas, imagéticas ou arqueológicas, e as respectivas metodologias utilizadas em suas análises, nas pesquisas sobre a Antiguidade Oriental, Clássica e Tardia.

Refletir sobre a prática de pesquisa na área da Antiguidade Oriental no Brasil nos leva, antes de tudo, a historiar, ainda que brevemente, o desenvolvimento recente da área e o processo de consolidação dos estudos da Antiguidade e de sua difusão no Brasil.

Os primeiros especialistas brasileiros em História Antiga Oriental, como os saudosos professores Emanuel Bouzon, Ciro Flamarion Cardoso, Emanuel Araújo, entre outros, realizaram formação em importantes centros de pesquisa na Europa e EUA ainda nos 1960 e 1970. Eles foram responsáveis por estudos acadêmicos sérios e qualificados, bem como pelas primeiras publicações de fontes primárias em língua portuguesa, abrindo, portanto, a possibilidade a jovens estudantes de se dedicarem à área.

Assim, foram formadas no país novas gerações de pesquisadores dedicados a investigar o Mundo Antigo por meio de seus próprios olhos, de sua visão de mundo, adicionando certa originalidade às interpretações históricas. Mas duas sociedades científicas brasileiras tiveram papel fundamental na consolidação dos estudos da Antiguidade no país: a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) e a Associação Nacional de História (ANPUH), por intermédio do Grupo de Trabalho de História Antiga, o GTHA.

A Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), uma entidade civil, de caráter científico-cultural, fundada em 13 de julho de 1985, congrega instituições e profissionais que estudam as culturas do Mundo Antigo. Desde sua criação, a SBEC vem estimulando o interesse acerca da investigação na Antiguidade, formando gerações de professores e pesquisadores, tendo como principal qualidade seu caráter multidisciplinar. A SBEC é plural, pois ela também abriga especialistas do Brasil e do exterior, fazendo desta diversidade sua riqueza intelectual.

O Grupo de Trabalho de História Antiga, o GTHA da Associação Nacional de História (ANPUH), criado em 2001, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, em nível nacional, desempenhou um fortalecimento da área de Antiga dentro da ANPUH e permitiu, de um lado, a conquista de reconhecimento dos pares (interna à ANPUH) e, por outro lado, a organização dos estudiosos do Mundo Antigo no Brasil, estimulando novos estudantes a se dedicarem à área e potencializando ações que já vinham sendo realizadas de maneira dispersa, em território brasileiro.

O grupo de estudiosos do Mundo Antigo, incluindo os professores e também os estudantes, que têm um papel significativo neste processo, conheceu, nesta primeira década do século XXI, um enraizamento e uma capilarização importantes, com a criação dos GTHA's regionais, alguns com expressivas contribuições e fortes atuações em estados como: SP, MG, RJ, RS, ES, PR, GO, BA e SE e com integrantes em 16 estados brasileiros. Desse modo, esse grupo ganhou corpo, se organizou e passou a atuar de forma articulada.

Além disso, a própria expansão da pós-graduação nas universidades brasileiras tem sido um importante motor dessa transformação. Entendo que a ampliação da produção de conhecimento, no campo da História da Antiguidade no Brasil, foi resultado de uma relação dialética, na qual os limites da formação de pesquisadores e da produção do conhecimento impulsionaram e, ao mesmo tempo, foram estimulados pela excelência dos trabalhos acadêmicos e de sua cada vez maior interlocução com instituições internacionais.

Ainda que me considere herdeira e parte integrante desse sistema, existem desafios específicos na pesquisa em História Antiga Oriental no Brasil que devem ser enfrentados. Podemos evocar alguns deles, como a dificuldade em lidar com a bibliografia atual, pois a maior parte dela está em línguas estrangeiras modernas. A quase inexistência de bibliotecas especializadas na área em nossas universidades pode ser superada pela utilização de publicações eletrônicas acessíveis com a internet.

Outra questão fundamental é a imperiosa exigência do domínio das escritas e línguas antigas para se fazer pesquisa com qualidade. E são raros os centros de formação que oferecem grego, latim, hebreu, acádio, egípcio ou sânscrito, por exemplo. Neste caso, os classicistas têm mais possibilidades que os orientalistas. Há um ditado que diz que conhecer a língua é conhecer a alma de um povo! O domínio da escrita permite viajar no tempo e nos aproximarmos da visão de mundo dos antigos, pois a escolha das palavras significa determinada ética e determinada estética do agir e do ser. Assim, este continua a ser um desafio maior a ser enfrentado pelos interessados na área.

Longe de pretender aportar uma resposta acabada sobre o tema do uso de fontes e métodos em pesquisa em História Antiga, empreenderemos um exame de nossas práticas de pesquisa mais recentes, em uma sorte de retrospectiva crítica, tendo como principal objetivo estimular novos estudantes e pesquisadores, demonstrando as inúmeras possibilidades de investigação que atualmente nos estão dadas, seja pelo avanço tecnológico, seja pela difusão do conhecimento.

Nossa proposta é realizar um balanço dos principais projetos de pesquisa por nós desenvolvidos, relatando as linhas gerais e os enfoques adotados. A diversidade de fontes vem sendo contemplada na medida em que analisamos tanto documentos epigráficos, de caráter econômico, quanto textos literários, de cunho mitológico, como,

mais recentemente, imagens da arte assíria. Disponibilizaremos, ainda, *sites* com fontes documentais, contendo originais, estudos, fotos em alta resolução de imagens, materiais de apoio, silabários, dicionários, etc.

### Fontes escritas

Estudos realizados a partir de documentação com escrita cuneiforme, a maioria em língua acádica, foram, exclusivamente, meu objeto de pesquisa durante muitos anos. A pesquisa sobre os arquivos pessoais de ricos “homens de negócios”, os chamados *tamkâru*,<sup>1</sup> da cidade-reino de Larsa (POZZER, 2016a; 2016b) possibilitou ampliar o conhecimento sobre o sistema econômico, de cunho privado, no século XVIII AEC na região da Baixa Mesopotâmia (Figura 1).

**Figura 1 - Mapa do Antigo Oriente Próximo**



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.lahistoriaconmapas.com/atlas/mappa-muta/cartina-muta-mesopotamia-ubicacion.htm>>.

Trata-se de uma centena de documentos em escrita cuneiforme que estavam dispersos em inúmeras coleções, em diversos museus do Oriente Médio, Europa e EUA. Logo, nossa primeira tarefa foi a identificação da documentação, visando à reconstituição

<sup>1</sup> Termo da língua acádica, literalmente traduzido por mercador ou, mais amplamente, como homem de negócios.

dos arquivos de quatro dos mais importantes e prolíficos “homens de negócios” do período, a partir das publicações destes museus.

A partir da obtenção destas publicações, que continham as cópias cuneiformes dos textos, passamos à mais longa e difícil etapa, que foi a do deciframento, da transliteração e da tradução (para o francês) dos documentos.<sup>2</sup> Nesta fase, contamos com importantes ferramentas metodológicas, como os silabários e dicionários,<sup>3</sup> além de listas lexicais sumérias com termos jurídico-administrativos amplamente usados no período estudado.

Para o tratamento dos textos realizamos os seguintes procedimentos:

- A decifração e a transliteração dos sinais cuneiformes com o auxílio dos silabários de Labat & Malbran-Labat (1988) e Borger (1971-1981);

- A tradução das inscrições em língua acádica com o auxílio dos dicionários CAD (1965-2006), W. Von Soden (1965) e J. Black; A. George; N. Postgate (2000) para línguas modernas estrangeiras (inglês e alemão);

- A versão para a língua portuguesa das traduções em línguas modernas estrangeiras.

Após datarmos os documentos, pois a maioria dos contratos continha informação sobre dia, mês e ano,<sup>4</sup> foi possível construir tabelas, em ordem cronológica, para cada um dos arquivos privados, como no exemplo abaixo:

**Tabela 1** - Tabela de Šêp-Sîn

TEXTO	DATA	TIPO
1	16/-/RS 31	Recibo de cereais
2	30/VII/RS 38	Empréstimo de prata
3	20/IX/RS 39	Contrato de adoção
4	-/XI/RS 39	Recibo de prata
5	-/2I/RS 45	Processo sobre um campo
6	-/VII/RS 46	Recibo de prata com vários nomes próprios
7	-/IV/RS 47	Compra de um terreno baldio
8	30/X/RS 47	Contrato de aluguel de uma casa
9	-/-/RS 47	Compra de um campo
10	6/I/RS 52	Lista de envio de bens a partir de Suza
11	30/XI/RS 53	Recibo de prata de uma sociedade
12	30/XI/RS 55	Empréstimo de prata
13	30/XI/RS 55	Empréstimo de prata com juros
14	20/IX/RS 55	Empréstimo de prata
15	5/XII/RS 55	Processo sobre compra de uma casa
16	9/XII/RS 56	Recibo de prata
17	30/V/RS 57	Empréstimo de prata
18	-/-/RS 57	Viagem de negócios em sociedade

<sup>2</sup> A etapa da transliteração consiste em transpor para caracteres latinos silábicos os sinais cuneiformes.

<sup>3</sup> O silabário mais usado é o R. Labat & F. Malbran-Labat (1988), juntamente com o Chicago Assyrian Dictionary (CAD).

<sup>4</sup> Sobre a discussão dos problemas relacionados à datação, ver Pozzer (2013).

19	20/XII/RS 58	Empréstimo de prata e cereais
20	1/III/RS 59	Recibo de prata
21	4/I/RS 60	Recibo de cereais
22	15/III/RS 60	Recibo de prata
23	16/VII/Ha 31	Empréstimo de prata
24	-/VII/Ha 31	Recibo de um pagamento em prata
25	25/II/Ha 31	Contrato de garantia
26	sem data	Carta de Šêp-Sîn para Lalutum
27	sem data	Carta com ordem de levar bens de Suza até Larsa
28	sem data	Carta sobre perturbações no Yamutbal
29	sem data	Recibo de uma quantidade de zimbro
30	sem data	Lista de envio de bens com pagamento de taxas e um barco
31	sem data	Recibo de prata
21	-/V/-	Empréstimo de prata
33	-/XI/-	Recibo de cereais

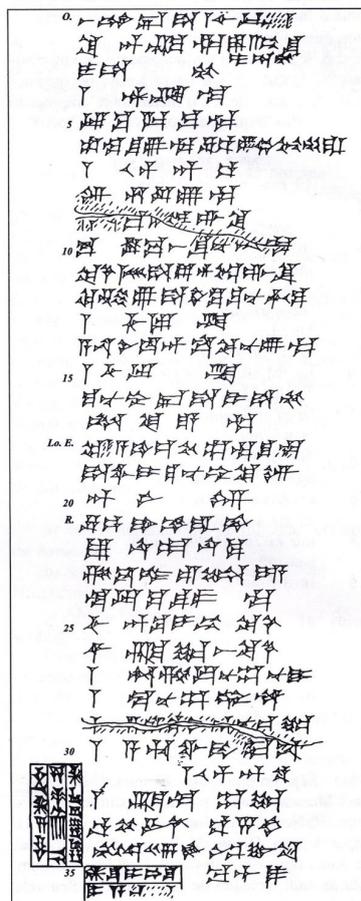
**Fonte:** Modificado a partir de Pozzer (2003, p. 417).

Concomitantemente, delineamos o contexto geográfico e histórico da região, dos seus principais sítios arqueológicos e as respectivas escavações, propondo uma história do reinado de Rîm-Sîn, o soberano que governou o reino de Larsa durante cerca de 60 anos, a partir das fontes oficiais e da documentação de Estados vizinhos e opositores.

O núcleo central da pesquisa focou nos estudos dos arquivos e na identificação de tipologias dos contratos (Figura 2), além de estudos de caráter prosopográfico das personagens neles citadas, fossem elas os *tamkâru*, as testemunhas ou os apositores dos selos-cilindros.<sup>5</sup>

A análise das atividades econômicas evidenciadas na documentação, por tipo de negócio – compra e venda de imóveis, comércio de escravos, empréstimos a juros de prata ou ainda arquivos epistolares – foi realizada à luz dos escassos relatórios de escavações arqueológicas, em uma tentativa de estabelecer uma relação dialógica e interativa entre estes diferentes campos do saber – a Filologia e a Arqueologia. Entendemos que as contribuições destas diferentes áreas podem ser complementares e possibilitar uma visão mais ampla do processo histórico de crescimento da economia privada no I milênio AEC, na Mesopotâmia. Podemos, ainda, evocar a influência dos estudos de História Quantitativa, impulsionados pela corrente teórica dos *Annales*, no exame de preços dos imóveis e dos escravos, presentes em nossa documentação (BURKE, 2005).

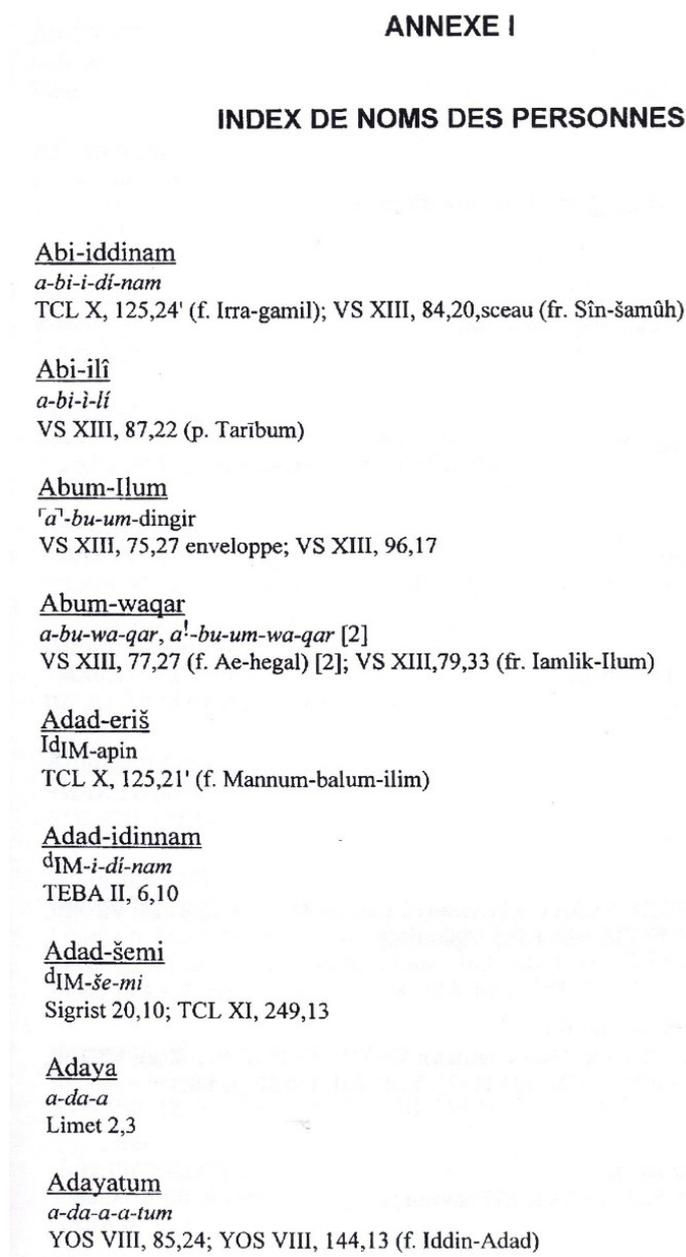
<sup>5</sup> A maioria dos contratos contém a impressão de selos-cilindros com inscrições epigráficas e iconografia ausente, que visavam a garantir a autenticidade dos documentos.

**Figura 2** - Exemplar de um contrato com impressão de selo-cilindrico do arquivo de Šêp-Sîn

Fonte: Pozzer (2000, p. 170).

Foram, ainda, examinados textos de caráter oficial, decretos reais que proclamavam a anistia fiscal e reformas sociais dentro do contexto de crises econômicas ocorridas no período estudado e a sua repercussão na documentação dos arquivos privados. Esse capítulo foi dedicado à discussão filológica dos textos e às diversas possibilidades de tradução de determinados termos. Assim, foi indispensável a colação de alguns,<sup>6</sup> fazendo-se necessário colacionar alguns documentos. Para finalizar o estudo, organizamos um index de nomes próprios de pessoas, de divindades e topônimos, indicando o texto e a linha em que é citado (Figura 3), como contribuição à identificação de personagens e de cidades para futuros trabalhos e constituição de outros arquivos pessoais.

<sup>6</sup> Alguns tabletas cuneiformes pertencentes ao acervo do Departamento de Antiguidades Orientais do Museu do Louvre foram objeto de confrontação.

**Figura 3** - Exemplar de index de nomes próprios

**Fonte:** Pozzer (2003, p. 363)

Neste artigo, pudemos evidenciar o papel da economia privada, mais especificamente no reino de Larsa, no sul mesopotâmico, a partir de arquivos privados de homens de negócios, bem como propor uma tipologia para os negócios realizados, elaborar uma análise prosopográfica das principais famílias e ainda estabelecer um estudo de preços de compra e venda de terras e de escravos.

Faz-se necessário indicar, contudo, a possibilidade de realização de estudos sobre estes temas, ainda que não se tenha a formação linguística, pois, atualmente, muitas

destas fontes estão traduzidas em línguas estrangeiras modernas e disponíveis em *sites* de instituições de ensino e pesquisa internacionais.<sup>7</sup>

Exemplo deste procedimento são os estudos realizados sobre temáticas mitológicas, como a análise do texto conhecido como *Inanna e Šukaletuda*, um relato de violência sexual na Mesopotâmia, que realizei (POZZER, 2011c) a partir da belíssima tradução de Jean Bottéro e Samuel Kramer (1993). Neste caso, foi utilizada a tradução em francês do texto acádico, centrando a investigação na simbologia das metáforas empregadas e na discussão historiográfica sobre as questões de gênero e de violência sexual.

### Fontes imagéticas

Do ponto de vista da História, as fontes iconográficas e a cultura material são plenas de revelações, desde que tratadas com metodologias adequadas. Já da perspectiva dos estudos no campo da História da Arte, as imagens são portadoras de concepções estéticas, ideológicas, políticas e sociais. Sem dúvida, para a disciplina histórica os estudos da Nova História Cultural desempenharam um papel fundamental no sentido de elevar as imagens à categoria de fontes históricas de primeira grandeza (BURKE, 2005). No Brasil, essa corrente teórico-historiográfica vem ganhando espaço nos trabalhos acadêmicos e em eventos nacionais de âmbito multidisciplinar.

Mais recentemente, vimos assistindo no Brasil a criação, sobretudo na última década, de cursos de graduação em História da Arte nas universidades públicas brasileiras, como um importante fomento e ampliação do campo dos estudos visuais no país, ainda que as pesquisas em arte antiga sejam em número bastante reduzido.<sup>8</sup>

Seguindo, por um lado, essa tendência de eleger fontes visuais para a pesquisa e, de outro, buscando fontes “legíveis” para estudantes sem domínio das línguas antigas, passei a me dedicar aos estudos das imagens do Mundo Antigo, em especial aos relevos do período neoassírio (883-627 A.E.C.).

Sabemos que a cultura material é portadora de determinadas mensagens que a linguagem escrita não é capaz de transmitir. A habilidade da arte em representar mensagens torna-a uma poderosa ferramenta de persuasão, da qual um grupo pode dispor. Ela refere-se à forma que os signos podem tomar e quais os sentidos e valores a ela atribuídos para reproduzir o poder social dominante. A iconografia revelada pelos objetos demanda um estudo específico, pois encontramos, na Antiguidade, textos

---

<sup>7</sup> Ver *sites* indicados ao final do artigo.

<sup>8</sup> Realidade bastante diferente das universidades europeias, norte-americanas ou asiáticas, onde a História da Arte e os estudos sobre imagem estão presentes há séculos.

acompanhados por imagens (AMIET, 1979). Os artistas antigos criaram um repertório que compreende diversos tipos de cenas e de personagens, cuja identificação é rica de significados (BUSTAMANTE, 2003). As imagens são representações de ideais, sonhos, medos e crenças de uma época. Logo, são elas próprias fontes históricas e, sendo assim, material para a análise e a interpretação histórica.

No mundo mesopotâmico, o relevo sobre pedra teve um desenvolvimento muito vasto. Ele concretizava funções narrativas, permitindo a combinação das figuras em cenas e, desse modo, a evocação dos grandes acontecimentos da sociedade, desde os políticos até os religiosos. Havia diversos tipos de relevo, aos quais correspondiam diversas fórmulas iconográficas: a estela, a placa, o relevo rupestre e parietal e o selo-cilindro (POZZER, 2011b). A categoria mais importante era constituída pelos baixos-relevos sobre lajes de alabastro, repartidas em duas ou mais partes, recobrendo as paredes dos palácios, que poderiam ultrapassar 2m de altura (Figura 4).

**Figura 4** - Deportação em Dîn-Šarri. Alabastro, 645 AEC



**Fonte:** Nínive, Palácio de Assurbanípal (Museu do Louvre, foto da autora).

A prática cultural de criação de relevos monumentais está associada ao momento político de construção de grandes impérios. A imponente quantidade de cenas e a sua

própria continuidade indicam uma função amplamente documental. Os relevos parietais, no plano artístico, correspondem perfeitamente aos anais assírios no plano literário (MOSCATI, 1985). A maioria das cenas representadas evocava a guerra, mais exatamente as campanhas militares empreendidas pelos assírios contra seus inimigos.

Estes relevos monumentais foram executados nas paredes interiores dos palácios e, portanto, sua circulação era restrita aos convidados do rei e às delegações diplomáticas estrangeiras. Os reis assírios construíram palácios para servir de núcleo administrativo, mas também como instrumento de propaganda, decorado de modo a impor ao visitante a impressão da esmagadora potência assíria. Esta decoração fazia, essencialmente, a exaltação da pessoa do rei e a evocação de seus altos feitos. De maneira excepcional, no antigo Oriente Próximo, esta arte ilustra a história (ROAF, 2000).

Os reis assírios inovaram na representação de suas imagens quando passaram a associar símbolos religiosos e devoção aos deuses nos relevos e na estatuária deste período. E estas representações correspondem a uma modificação nas concepções teológicas de sua elite política (PARROT, 2007, p. 34). Nossa proposta era compreender este fenômeno, identificar estes símbolos, categorizar estas imagens e analisar as inscrições epigráficas que acompanhavam estas imagens.

A escolha da temática de pesquisa justificou-se por serem, tanto a guerra como a religião, práticas que acompanharam toda a história da humanidade. Os objetivos, as estratégias e os armamentos mudaram muito, mas todos os conflitos ocasionaram importantes transformações e novos rumos na história. Como afirma Magnoli (2006, p. 14): “a guerra é um fenômeno total, uma expressão condensada das formas de pensar, produzir e consumir das sociedades, o espelho de um tempo e um lugar”.

### **Problemas de método na análise de imagens**

O estudo comparativo entre texto e imagem constitui um elemento essencial da pesquisa sobre imagens no Mundo Antigo e vem sofrendo alterações nos últimos tempos. No passado, tanto a História como a História da Arte consideraram a comunicação verbal e a visual como meios de expressão concorrentes, alocados em dois campos distintos da percepção. Atualmente, porém, prevalece uma concepção dialógica e interativa de análise entre elas (MUTH et al., 2012, p. 221).

Na pesquisa sobre os relevos assírios, a principal metodologia de análise das imagens utilizada foi baseada na obra de Erwin Panofsky, historiador da arte alemão cujo postulado divide o processo de análise visual em iconografia e iconologia, direcionando-se para três perspectivas distintas, nesta ordem: descrição pré-iconográfica; análise

iconográfica e interpretação iconológica. Segundo o autor, iconografia é o estudo do tema ou assunto e iconologia é o exame do significado do objeto. A iconografia é o tema e o significado das obras de arte em contraposição à sua forma, e iconologia é o estudo de ícones ou de simbolismo na representação visual (PANOFSKY, 1995, p. 19).

Esta metodologia de análise das imagens pode ser desse modo resumida:

**1ª etapa:** realização da descrição pré-iconográfica, isto é, a enumeração dos motivos artísticos para cada temática. Devem-se analisar séries de imagens e não imagens isoladas. Motivos artísticos são as formas puras (linha, cor, volume) que representam objetos naturais (seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas, etc.). Trata-se de “coisas concretas”. Devem-se descrever estas formas com precisão.

**2ª etapa:** realização da análise iconográfica, ou seja, da identificação de imagens, estórias e alegorias. Isto é a combinação de motivos artísticos com assuntos/temas e conceitos. Motivos artísticos portadores de significados são imagens e as combinações de imagens criam estórias e alegorias. Então, neste passo, devem-se identificar estas combinações, descrevê-las e classificá-las.

**3ª etapa:** realização da interpretação iconológica, que é a descoberta e a interpretação dos valores simbólicos nas imagens. A iconologia é uma iconografia que se torna interpretativa. É necessária uma exata análise das imagens, estórias e alegorias para se realizar uma correta interpretação iconológica. Devemos nos familiarizar com aquilo que os autores das representações liam e sabiam e isto deve ser feito a partir de fontes literárias.

Mas Panofsky (2007, p. 63) alerta que é preciso corrigir nossa experiência e nosso conhecimento para cada etapa, compreendendo que, sob diferentes condições históricas, objetos e fatos foram expressos de determinada maneira (história dos estilos), que temas e conceitos foram expressos por objetos e fatos (história dos tipos) e que as tendências gerais e essenciais da mente humana foram expressas por temas específicos e conceitos (história dos símbolos).

Partindo dessa proposta metodológica, constituímos um catálogo documental com a referência de origem da imagem, indicação da localização atual do relevo e uma descrição da laje (Figura 5). Além disso, também foi elaborada uma ficha de identificação de descritores icônicos com detalhamento e quantificação dos ícones (Figura 6).

**Figura 5** - Ficha descritiva do relevo Guerreiros combatendo em carros

<b>Fundo: A Representação da Guerra nos Relevos Neo-Assírios</b>		
<b>Grupo:</b> Rei Assurnazirpal II		<b>Subgrupo:</b> Guerreiros combatendo em carros
<b>Técnica:</b> Desenho	<b>Suporte:</b> Papel	<b>Dimensões:</b> -----
<b>Local:</b> Palácio Noroeste, Nimrud-Iraque.	<b>Datação:</b> Entre 884 a 859 a.C.	<b>Nº Doc.:</b> _____
<b>Autor:</b> Desconhecido		
<b>Referência completa:</b> LAYARD, H. A. <i>The monuments the Nineveh</i> , London: John Murray, 1853, p. 43. v. II, pr. XXVII.		
<b>Descritores:</b> Veem-se dois carros de guerra assírios e, no interior dos carros, guerreiros empunham arcos e desferem flechas na direção de três arqueiros do exército adversário, que aparecem no lado direito inferior da laje. No centro no plano inferior vê-se o corpo de um adversário e os carros de guerra passam sobre ele.		
<b>Inscrição:</b> Não há inscrição		
<b>Histórico:</b> Laje 10 a (conjunto 11 a, 10 a, 09 a, 08 a) Sala B – Sala do trono Desenho de W. Holl Ref.: (LAYARD, 1853, vol. II, pr. XXVII, p. 43)		
<b>Observações:</b> Guerreiros combatendo em carros A laje será descrita da esquerda para direita, onde se veem dois carros de guerra assírios ocupados por dois guerreiros: um arqueiro e um condutor, puxados por três cavalos cada um. Os arqueiros desferem flechas contra os três guerreiros adversários que estão a pé, arremessando flechas contra os guerreiros assírios. Na carroceria de um dos carros veem-se aljavas, arcos, flechas, machados que estão guardados na lateral e na traseira do carro. Dentro do carro os ocupantes carregam lanças e estandarte circular com a figura de divindades (Nergal e Adad???). Cada carro é puxado por três cavalos ricamente decorados com penachos nas cabeças, sob as patas dos cavalos jaz o corpo de um soldado adversário morto.		
 <p style="text-align: center;"><i>Plata 27. Warriors fighting in Chariots</i></p>		

**Fonte:** Pozzer (2012, p. 24).

Figura 6 - Ficha de identificação de descritores icônicos

Fundo: <b>A Representação da Guerra nos Relevos Neo-Assírios</b>					
Grupo: <b>Rei Assurnasirpal II</b>			Subgrupo: Guerreiros combatendo em carros		
			Nº Doc.: _____		
Descritores:					
<b>Escudos</b>	<b>Quant.</b>	<b>Maquinas de Guerra</b>	<b>Quant.</b>	<b>Carros de Guerra</b>	<b>Quant.</b>
Circulares		Aríetes		Rodas 6 raios	02
Retangulares		Arpões		Rodas 8 raios	
Curvos	01	Rodas 6 Raios		C/ 3 Cavalos	02
Retos		Rodas 8 raios		C/2 Cavalos	
Oblongo		Molhadores			
<b>Afala</b>	<b>Quant.</b>	<b>Armas Brancas</b>	<b>Quant.</b>	<b>Elmos e Capacete</b>	<b>Quant.</b>
Arco e Flechas	05	Facas			
Aljavas	03	Espadas	01		
Lança	01				
Atiradeira					
<b>Machado</b>	<b>Quant.</b>	<b>Vestimentas Assírias</b>	<b>Quant.</b>	<b>Maça e Clavas</b>	<b>Quant.</b>
Em carruagem	02	Túnicas Longas		Decoradas	
Individualmente		Túnicas Curtas		Lisas	
<b>Edificações</b>	<b>Quant.</b>	Armadura		Cabeça Esférica	
Torres		Cinturão			
Muralhas		Sandálias			
Portas		Saiotes		<b>Equipamentos</b>	<b>Quant.</b>
Pontes		<b>Figuras Hum. Ñ Assírios</b>	<b>Quant.</b>	Alavancas	
Tijolos		Rei		Escadas	
<b>Figuras Divinas</b>	<b>Quant.</b>	Príncipe			
	02	Oficiais		<b>Figuras Hum. Assírios</b>	<b>Quant.</b>
		Soldados	04	Rei	
		Deport. Homens		Príncipe	
		Deport. Mulheres		Rainha	
		Deport. Crianças		Oficiais	
<b>C.A Vegetação</b>	<b>Quant.</b>	<b>Vestimentas Ñ Assírios</b>	<b>Quant.</b>	Soldados	04
Palmeiras / Tamar.		Túnicas Longas		Eunucos	
Coníferas		Túnicas Curtas			
Figueiras		Armadura			
Videiras		Cinturão			
<b>C.A Geografia</b>	<b>Quant.</b>	Sandálias			
Montanha		Saiotes			
Planície					
Terreno Alagadiço					
Rios					

Fonte: Pozzer (2012, p. 25).

## Considerações finais

Podemos concluir reafirmando que pesquisar História Antiga no Brasil exige que enfrentemos diversos desafios. Mas estudar a Antiguidade também nos possibilita a vivência de muitos prazeres.

Um deles, talvez o mais importante, seja a oportunidade de refletir sobre temas universais, sobre questões que interpelam as sociedades humanas desde o princípio até os dias de hoje, como os mitos da origem do mundo, do próprio Homem, do poder e seus usos, da inovação tecnológica e invenções geniais, do cotidiano e suas marcas, da vida e da morte, das paixões e das guerras, enfim, da humanidade e seu livre arbítrio.

Outro ponto extremamente positivo é que, ao estudar o Mundo Antigo, podemos dialogar com pesquisadores em todo o mundo, literalmente. Só para ficarmos no campo da assiriologia, existem importantes centros de pesquisa nos cinco continentes. Tomemos como exemplo a problemática de pesquisa sobre a iconografia da guerra nos relevos assírios, da qual temos resultados de pesquisa publicados nos EUA, no Egito, na França, no Japão, na Dinamarca, na Espanha, em Portugal, no Canadá, na Itália, no Iraque, na Turquia, na Austrália. Esta interlocução nos impulsiona a patamares de excelência internacional! E nos permite perceber as diversas visões de mundo, as diferentes abordagens e temáticas que estão sendo elaboradas, compreendendo que cada país conta uma história dos antigos impregnada do seu próprio contexto histórico, político e social de hoje! E isto nos diz que é preciso que nós, pesquisadores brasileiros, também construamos o nosso discurso histórico sobre o Mundo Antigo, a fim de garantirmos nossa soberania intelectual no mundo globalizado do século XXI.

## Anexo

### Breve lista de *sites* com fontes para o estudo da antiga Mesopotâmia

<http://ancientworldonline.blogspot.com.br/>

<http://ancientworldonline.blogspot.com.br/2015/12/alphabetical-list-of-open-access.html>

<http://ancientworldonline.blogspot.com.br/2011/12/open-access-publications-of-institut.html>

<http://www.persee.fr/collection/mom>

<https://resantiq.wordpress.com/>

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

<http://www.helade.uff.br/>  
<https://archive.org/>  
<http://www.etana.org/>  
<http://oi.uchicago.edu/>  
<http://assyriologia.fi/en/>  
<http://cdli.ucla.edu/>  
<http://www.mae.u-paris10.fr/dossiers-thematiques-ecriture-cuneiforme-et-civilisation-mesopotamienne-sites-internets/>  
<http://vergil.uni-tuebingen.de/keibi/index.php?lang=fr>  
<http://psd.museum.upenn.edu/epsd1/index.html>  
<http://oi.uchicago.edu/research/publications/assyrian-dictionary-oriental-institute-university-chicago-cad>  
<http://www.achemenet.com/>  
<http://oracc.museum.upenn.edu/rinap/index.html>  
<http://www.etana.org/abzubib>  
<http://www.inha.fr/fr/index.html>  
<http://warburg.sas.ac.uk/>  
<http://archnet.org/>

## Referências

- AMIET, P. *Introduction à l'Histoire de l'Art de l'Antiquité Orientale*. Paris: Desclée de Brouwer, 1979.
- BLACK, J.; GEORGE, A.; POSTGATE, N. *A concise dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.
- BORGER, R. *Akkadische zeichenliste*. Kevelaer: Butzon und Bercker, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Assyrisch-babylonische zeichenliste*. Kevelaer: Butzon und Bercker, 1978.
- BORGER, R. *Assyrisch-babylonische zeichenliste*. Kevelaer: Butzon und Bercker, 1981.
- BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. *Lorsque les dieux faisaient l'homme*. Paris: Gallimard, 1993.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Representações visuais das mulheres nos mosaicos norte-africanos baixo-imperiais: isotopia e gênero. *Phoînix*, v. 9, p. 314-359, 2003.
- CAD. *Chicago Assyrian Dictionary*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1965-2006.
- LABAT, R.; MALBRAN-LABAT, F. *Manuel d'épigraphie akkadienne*. Paris: Geuthner, 1988.
- LAYARD, H. A. *The monuments of the Nineveh*. London: John Murray, 1853.

- MAGNOLI, D. (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOSCATI, S. *Como reconhecer a arte mesopotâmica*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MUTH, S. et al. Texte et image dans l'antiquité: lire, voir et percevoir. *Perspective*, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://perspective.revues.org/145>>. Acesso: 4 jul. 2014.
- PANOFSKY, E. *Estudos de iconologia*. Lisboa: Estampa, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- PARROT, A. *Assur*. Paris: Gallimard, 2007.
- POZZER, K. M. P. Selos-cilindros mesopotâmicos: um estudo epigráfico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 10, p. 163-174, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Les archives privées de marchands a Larsa pendant la deuxième moitié du règne de Rîm-Sîn*. Lille: ANRT, 2003.
- \_\_\_\_\_. Uma história assíria: o espetáculo do terror em uma composição artística. In: ROSA, C. B. et al. (Org.). *A busca do antigo*. Rio de Janeiro: Nau, 2011a.
- \_\_\_\_\_. Poder, guerra e violência na iconografia Assíria. *Phoênix*, v. 17, n. 2, p. 12-25, 2011b.
- \_\_\_\_\_. O jardim do pecado: uma narrativa de violência sexual na Mesopotâmia. In: GRILLO, J. G. C.; GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. (Org.). *Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2011c, p. 37-57.
- \_\_\_\_\_. *Guerra e religião: estudo de textos e imagens do mundo antigo Oriental*. Relatório de Pesquisa/CNPq, 2012.
- \_\_\_\_\_. Medir o tempo, um saber mesopotâmico. *Nearco*, n. 1, p. 13-24, 2013.
- \_\_\_\_\_. Vale 5 siclos de prata: a escravidão nos arquivos privados mesopotâmicos. *Revista Heródoto*, v. 1, n. 1, p. 133-148, 2016a.
- \_\_\_\_\_. Worth 5 silver shekels: slavery in mesopotamian's private archives. *Revista Heródoto*, v. 1, n. 1, p. 149-164, 2016b.
- ROAF, M. Palaces and temples in ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (Ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson, 2000, p. 423-441.
- ROUX, G. *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- VON SODE, N. W. *Akkadisches handwörterbuch*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1965.